

Fernando Souza



Por um Campus seguro

> Docente da Coppe sequestrado em estacionamento cobra ações contra violência

ELISA MONTEIRO E KELVIN MELO

comunica@adufrrj.org.br

Foram quatro horas de terror vividas por um professor da Coppe. Ele foi sequestrado, dia 29, de um dos estacionamentos do Centro de Tecnologia. Passado o susto e já com investigação em andamento na polícia, o docente pede que a universidade tome providências para melhorar a segurança da ilha do Fundão: “De tudo, o que acho mais relevante é ter sido abordado dentro do estacionamento. Eu estava dentro

das instalações físicas da universidade, não estava na rua. Ali não era a Polícia Militar que devia estar vigiando”.

No estacionamento onde ocorreu a abordagem dos bandidos, apenas dois dias depois do crime, a reportagem da Adufrj não encontrou nenhum segurança. No meio da área, em uma improvisada torre, apenas uma cadeira vazia. Nas guaritas dos acessos às vagas, ninguém: “A segurança interna, sim, é da administração”, reforça o professor.

“Temos o nosso dever de casa”, desabafou. “Aqui, qualquer um entra e sai sem

controle”. Ele completa: “Não adianta você colocar vigilante tomando conta de três computadores, quando a vida de uma pessoa vale muito mais”. O docente acredita que “está faltando inteligência” para usar da melhor forma os recursos para segurança.

Além de reivindicar medidas concretas da Administração Central, o professor sugere a realização de uma campanha por mais segurança no campus. “Estou propondo que cada um traga uma cartolina para reportar a agressão que sofreu aqui. Todo mundo tem um caso”.

“É preciso rever a segurança da universidade”, diz pesquisador

VALENTINA LEITE

Estagiária da Adufrj

“É preciso repensar toda a segurança na UFRJ”. Foi o que declarou o consultor e pesquisador de segurança pública Paulo Storani sobre o sistema de vigilância da Cidade Universitária. Ele foi capitão da Polícia Militar e ex-subcomandante

do Batalhão de Operações Especiais (Bope), além de ter sido Secretário Municipal de Segurança Pública de São Gonçalo (RJ), de 2006 a 2009.

Paulo Storani defende a utilização de processos de checagem para saber quem entra e sai da ilha. “Se for inviável fazer nos acessos, que seja (feito) dentro de cada uma das unidades. Porém, a medida

mais importante a ser adotada seria a de integrar a polícia ao campus”, argumenta.

O consultor dá dicas para aumentar a segurança: andar sempre em grupos, evitar locais mal iluminados e carregar pouca quantidade de bens de valor. No caso de estacionamentos, a dica é olhar no entorno antes de caminhar até o carro e não acionar a trava do veículo de longe.

Patrimônio priorizado

JAN NIKLAS JENKNER

Estagiário da Adufrj

É enorme a diferença de recursos entre as empresas terceirizadas que cuidam apenas do patrimônio da UFRJ e a Divisão de Segurança (Diseg), formada por servidores, que também acumula a função de proteger as pessoas.

Levantamento feito pela reportagem da Adufrj na página da Pró-reitoria de Governança encontrou seis contratos em vigor com duas empresas de vigilância patrimonial. No campus do Fundão, atua a Front Serviço de Segurança Ltda, com 518 vigilantes. Nos demais campi, a Angel's Vigilância e Segurança Ltda

faz o serviço com 376 empregados. As empresas trabalham monitorando e patrulhando, com equipes armadas e desarmadas. No total, são 894 terceirizados a um custo de R\$ 3.298.903,40 por mês.

Mesmo tendo como atividade-fim a vigilância patrimonial, a responsabilidade pela proteção da comunidade universitária acaba ficando nas mãos da Divisão de Segurança — um órgão com condições precárias de trabalho e em vias de extinção. São apenas 107 técnicos-administrativos no órgão, segundo a reitoria. O último concurso para a área foi em 1988 e grande parte do quadro está para se aposentar. “Há pelo menos seis anos, não há um investimento na Diseg. As últimas viaturas vieram

de doações do Centro de Tecnologia”, relatou o coordenador Robson Gonçalves. Para toda a extensão do Fundão, atuam em média 15 seguranças por dia, divididos em dois turnos. Normalmente disponíveis para operar, estão de seis a oito viaturas em más condições, devido ao longo tempo de uso. Alguns carros da frota ficam constantemente em conserto. Robson afirmou ainda que a Diseg, a prefeitura universitária e a reitoria têm buscado parcerias com órgãos do poder público, como a Polícia Militar.

O 17º BPM, responsável pelo patrulhamento da Ilha do Governador e adjacências, não forneceu informações sobre sua atuação na Cidade Universitária devido ao caráter “estratégico e sigiloso” dos dados.

Fernando Souza



“EXÉRCITO”

Empresas mobilizam quase 900 seguranças na UFRJ

R\$ 3 milhões em câmeras

ELISA MONTEIRO E KELVIN MELO

comunica@adufjrj.org.br

A UFRJ investiu R\$ 3 milhões em um sistema grandioso de monitoramento do Fundão, com direito a centro de controle e 232 câmeras. Mas, no cotidiano, todo este aparato é pouco efetivo para a segurança do campus. Os próprios servidores vigilantes criticam a dificuldade de acesso às imagens, que ficam sob responsabilidade da prefeitura universitária.

Coordenador da Divisão de Segurança

Divulgação/Prefeitura universitária



CENTRO DE CONTROLE De olho em 232 câmeras

da universidade, Robson Gonçalves cita o caso do sequestro do professor da Coppe: “Pedimos na semana passada e hoje (quarta-feira, 7) ainda não recebemos”.

Outro episódio foi uma agressão nas proximidades do alojamento estudantil na madrugada do dia 2. “Os vigilantes partiram daqui às 3h40, sem saber o que iriam encontrar. Por que não temos um monitor com as imagens do centro de controle?”, questionou.

No Centro de Controle Operacional, trabalham vigilantes da empresa Front sob a supervisão de um engenheiro da UFRJ.

Professores na mira

SILVANA SÁ

silvana@adufrrj.org.br

Fernando Souza

O sequestro de um professor da Coppe, no dia 29, infelizmente não é uma exceção no Fundão. Há relatos deste tipo de crime pelo menos desde 2006. Só neste ano, a Divisão de Segurança da UFRJ tem cinco registros. O diretor do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, Bruno Leite Moreira, confirmou que três profissionais do hospital foram sequestrados em 2016. O último caso aconteceu no início de novembro. O modo de agir é sempre o mesmo: andam fortemente armados, fecham os carros das vítimas, encapuzam e aprisionam as pessoas, roubam as senhas dos cartões, realizam compras em lojas físicas e pela internet e sacam o dinheiro das contas até o limite.

Os docentes são alvos preferenciais porque têm “bons salários” e “recebem em dia”, conforme dois entrevistados pela reportagem ouviram dos bandidos. Um professor do Instituto Coppead já sofreu dois sequestros assim. Um, em 2011; outro, em 2013. “Nas duas vezes, era um carro estacionado, com vidro muito escuro que, de repente, arrancou na minha frente e me fechou. Saíram três assaltantes armados”, lembrou.

Na primeira vez, o professor passou



mais de seis horas sob a mira de armas, dentro do carro dos criminosos. Foi rendido próximo ao Coppead. O professor foi libertado no estacionamento do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Realizaram compras no valor de R\$ 24.500, além de um saque de R\$ 1 mil. Dois anos depois, um novo sequestro, desta vez quando ele chegava ao Fundão pelo Portão 4, hoje fechado permanentemente. Era um sábado, às 10h. “Aquilo era um ‘corredor polonês’, sem ter para onde escapar. Fiquei duas horas com eles”.

Outro docente, também do Coppead, foi vítima de sequestro em julho de 2013. Ele dava carona para um colega quando foi abordado no caminho para a Linha Amarela, entre a Eletrobras e o Cenpes.

Ele ficou em poder dos sequestradores por três horas e meia, dentro do carro. Os professores foram soltos também na Maré, próximo ao carro. “É um trauma. Há dois lugares que temos como sagrados: nossa casa e nosso local de trabalho. Infelizmente, aqui, já perdemos o nosso sossego”.

O docente parou de sair com cartões, mudou o carro, passou a usar vidro escuro, ficou anos sem usar celular. “Podemos olhar para os lados, ficar atentos, mas não há cuidado que nos proteja. Além da polícia, a própria UFRJ tem que prover alguma coisa”.

Morte de Diego sem laudo

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

Mais de cinco meses depois, a morte do estudante Diego Vieira Machado continua sem explicação. O corpo de Diego foi encontrado nas imediações do alojamento, em 2 de julho, com ferimentos nos braços e na cabeça. Desde então, por falta de recursos, o Instituto Médico-Legal sequer conseguiu concluir todos os exames com o sangue, urina e vísceras recolhidos da vítima.

Segundo informações do Departamento Geral de Polícia Técnico-Científica, foi realizada a necropsia do corpo e um dos exames complementares, mas dois exames estão pendentes. “No momento, os resultados não podem ser divulgados para não prejudicar as investigações” da Delegacia de Homicídios da Capital, disse a assessoria da Polícia Civil, por e-mail.

Em encontro com o secretário de Segurança do estado, Roberto Sá, no fim de novembro, entre outras demandas, a reitoria da UFRJ pediu atenção às investigações do assassinato do aluno.



Internet

Investigação da morte de Diego Vieira não andou

Reforma da previdência castiga docentes

KELVIN MELO

kelvin@adufRJ.org.br

O governo enviou ao Congresso, na terça (6), a mais dura reforma da previdência da história. Os professores devem ficar atentos à tramitação da Proposta de Emenda Constitucional 287. Serão mais prejudicados aqueles que ingressarem no serviço público após a eventual promulgação da PEC, mas os atuais servidores também perderão direitos, em graus variados, conforme a idade e a data de ingresso na administração pública.

Para Ana Luísa Palmisciano, advogada da Adufrj, ao igualar os requisitos mínimos de aposentadoria para homens e mulheres, o governo foi injusto — foram desprezados estudos da Organização Internacional do Trabalho segundo os quais elas enfrentam dupla jornada, ao cuidar dos afazeres domésticos.

A assessora jurídica da Adufrj também considera “cruel” a proposta de não se

permitir mais a acumulação de pensão, de regimes previdenciários distintos para os quais o servidor falecido contribuiu, justamente no momento que o(a) viúvo(a) mais precisa. “É um confisco das contribuições de uma vida toda”, afirma.

O professor sindicalizado que estiver com dúvidas pode marcar um horário no plantão jurídico da Adufrj, ligando para a secretaria do sindicato.

ANÁLISE PRELIMINAR

A Assessoria Jurídica do Andes realizou uma análise preliminar da PEC na parte que afeta os servidores públicos. Em destaque, alguns pontos — o restante será divulgado nas próximas edições do Boletim da Adufrj:

• **Fim da aposentadoria voluntária por tempo de contribuição:** Está prevista somente a aposentadoria aos 65 anos, tanto para homens como para mulheres, sendo necessário que o servidor possua, ao menos, 25 anos de contribuição, além de 10 anos de efetivo exercício

no serviço público e 5 anos no cargo efetivo em que se dará a aposentadoria. Quem não completar o tempo mínimo de 25 anos contributivos é forçado a permanecer em atividade até os 75 anos de idade, momento da aposentadoria compulsória. Os requisitos mínimos poderão ser aumentados, sempre que se verificar o aumento na expectativa de sobrevida da população brasileira.

• Redução do valor dos benefícios:

O valor da aposentadoria não poderá ser superior ao teto estabelecido no Regime Geral de Previdência Social, hoje em R\$ 5.189,82. Antes dos 75 anos, o benefício será composto por 51% da sua média de remunerações e dos salários de contribuição, acrescidos de um ponto percentual sobre esta média para cada ano que o servidor tiver contribuído. Com 25 anos de contribuição, o servidor teria 76% (51% + 25%) da média das remunerações. Ou seja, para alcançar o máximo, seriam necessários 49 anos de contribuição (51% + 49%).

Assembleia dia 12

A Assembleia Geral da Adufrj-SSind de 12 de dezembro (segunda-feira) vai preparar a participação dos professores da UFRJ no 36º Congresso do Andes-SN. Além da discussão das teses do caderno de textos — documento que guia os trabalhos no congresso —, serão escolhidos os delegados da universidade ao evento. O congresso ocorrerá em Cuiabá (MT), de 23 a 28 de janeiro de 2017.

A Assembleia da Adufrj será realizada no Auditório A-327 do Centro de Tecnologia, na Cidade Universitária, de 9h às 12h. Haverá transmissão pela página eletrônica www.adufRJ.org.br e pela fanpage da Seção Sindical no Facebook.

12 DE DEZEMBRO - SEGUNDA-FEIRA

AGENDA

9h Primeira convocação com quorum mínimo de docentes
9h30 Início da AG com qualquer número de docentes
9h30 às 10h Informes
10h às 12h Pauta
12h Encerramento

PAUTA

1 Escolha de delegados para o 36º Congresso do Andes, a ser realizado em Cuiabá, de 23 a 28 de janeiro de 2017;
2 Discussão das teses do caderno do Congresso.

SAMBA DO PROFESSOR

A Adufrj convida os professores para uma confraternização, com samba, no próximo dia 16.

O evento será de 18h às 22h, no Colégio Brasileiro de Altos Estudos.

O CBAE fica na Avenida Rui Barbosa 762, Flamengo.